

UMA INTERESSANTE ANTIGUALHA DO CASTRO DO CABEÇO DOS MOUROS (IDANHA-A-VELHA)

Por

D. FERNANDO DE ALMEIDA

e

O. DA VEIGA FERREIRA

I — PREÂMBULO

A região egitaniense tem-se revelado duma riqueza extraordinária sob o ponto de vista arqueológico e, a partir das escavações sistemáticas e metódicas realizadas há uns anos, muito se tem descoberto para se aquilatar da vida dos nossos maiores (1).

Não só ao termo egitaniense se tem confinado o reconhecimento arqueológico, mas também muito para fora dele (2).

O conhecimento do Castro denominado «Cabeço dos Mouros» é muito antigo. Na região tecem-se as lendas mais extravagantes sobre esta jazida arqueológica. Desde as mouras que se penteiam ao sol em manhãs soalheiras de outono com pentes de ouro, até aos costumados

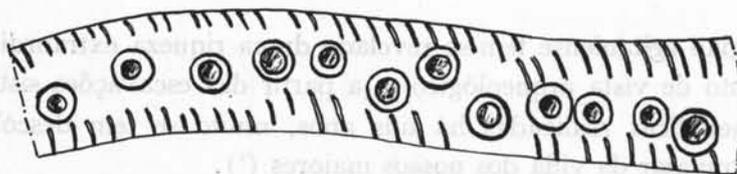
(1) A bibliografia sobre a Egitânia é muito grande, em especial a que os autores já deram à estampa em artigos publicados a partir de 1956 nas *Revistas de Guimarães, Arqueologia e História, Arquivo Español de Arqueologia, Actas do I Congresso Nacional de Arqueologia, Actas dos Colóquios Portuenses de Arqueologia*, etc.

(2) D. Fernando de Almeida e O. da Veiga Ferreira, «Sepulturas megalíticas dos arredores de Idanha-a-Velha. *Actas e Mem. do I Congresso Nacional de Arqueologia*, Lisboa, 1959.



1

2



3

1 e 2 — Vista superior e inferior da peça do Castelo dos Mouros (Idanha-a-Velha).

3 — Representação do desenvolvimento do corpo da peça (espaço entre as duas faces).

bezerros de ouro enterrados em galerias complicadas guardadas por génios do mal, tudo se admite encontrar no «Cabeço dos Mouros» na ingenuidade das gentes da região.

A situação deste castro é deveras notável, ficando sobranceiro ao rio Ponsul, em uma curva deste, como é hábito, e numa cota elevada donde se avista tudo em redor. Conserva ainda restos de muralhas e fortificações.

Foi, pois, neste Castro que apareceu agora este objecto raro que nos propomos dar a conhecer.

II — DESCRIÇÃO DO OBJECTO

O raro objecto foi afeiçoado num pequeno fragmento de silex calcedónico, meio translúcido, côr de mel com umas manchas escuras. Tem a forma de um pequeno queijo com as duas faces ornamentadas assim como o espaço entre as duas faces, que constitui o corpo da peça.

Ornamentação da face superior: a partir do furo central, que atravessa a peça duma face à outra, e, por meio de raios curtos, ligam-se cinco círculos. Cada um destes círculos tem outro no interior muito mais cavado. Toda a periferia da face é ornamentada com incisões oblíquas que se prolongam para além desta entrando no corpo da peça. A perfuração central é circundada também por dois círculos concêntricos, sendo o círculo interno o furo pròpriamente dito.

Ornamentação da face inferior: Da mesma forma que na face superior se observam os mesmos círculos mas nesta em maior número: sete círculos em vez de cinco. Na periferia a mesma ornamentação e motivo.

Ornamentação entre as duas faces-corpo da peça: é constituída por doze círculos concêntricos do mesmo tipo dos das faces e distribuídos irregularmente em toda a volta do corpo da peça. Entre estes círculos, e como que a ligá-los, existem incisões horizontais e paralelas, salvo nos sítios onde a peça foi desgastada. As duas faces não são absolutamente circulares sendo a superior de menor diâmetro que a inferior. A perfuração não é bicónica.

Medidas:

Diâmetro da face superior — 41 mm

Diâmetro do furo — 4 mm

Diâmetro dos círculos — 8 mm

Diâmetro do círculo interno mais profundo — 3 mm

Altura da peça — 23 mm

Diâmetro da face inferior — 44 mm

III — CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito embora a forma geral do objecto lembre um cossoiro, podemos admitir outros empregos como o de peso de rede para pesca ou volante de um aparelho de furar, para pôr gatos em cerâmica.

Em toda a série de cossoiros do Museu Nacional de Arqueologia Dr. Leite de Vasconcellos, com os quais comparámos o objecto do «Cabeço dos Mouros», nada encontrámos de semelhante. Noutros Museus, que conhecemos, também nada achámos de comparável e, na bibliografia quer nacional quer estrangeira, em especial da bibliografia da Península Ibérica, também nada encontrámos de análogo.

Pela furação, sem ser bicónica, estamos em presença dum objecto proto-histórico. Os círculos concêntricos são motivo observado nas cerâmicas dos Castros do Noroeste peninsular⁽³⁾, assim como, nas abas dos capacetes célticos: ver, por exemplo, a do capacete céltico de Aljezur, no Algarve, conservado no Museu de Lagos⁽⁴⁾.

Pelas descobertas anteriores da permanência de Celtas na região egitaniense, nada nos custa admitir que o objecto do «Cabeço dos Mouros» remonte à época pré-romana e ao povo de características célticas que aí viveu como bem o demonstra também a epigrafia⁽⁵⁾.

⁽³⁾ Mario Cardozo, «Citânia e Sabroso — Notícia descritiva», Guimarães, 1948.

⁽⁴⁾ J. Formosinho, O. da Veiga Ferreira e A. Viana, «O capacete céltico do Museu regional de Lagos (Algarve). XIII Cong. Luso-Esp. para o Prog. das Ciênc., Lisboa, 1950.

⁽⁵⁾ D. Fernando de Almeida, «Egitânia — História e Arqueologia», p. 123 — Nomes celtas em Idanha-a-Velha, Lisboa, 1956.

— A. A. Mendes Corrêa, «Celtas na Beira», *Bol. da Casa das Beiras*, Vila Nova de Famalicão, 1944.



1

Vista superior da peça ornamental do Castelo dos Mouros (Idanha-a-Velha)



2

Vista inferior da mesma peça (aprox. 1 x 1)

RÉSUMÉ

Il s'agit de la description d'un objet décoré, cylindrique, en quartz, qui a été trouvé dans un «castro» du centre du pays.

Jusqu'à présent aucune fouille archéologique n'a été réalisée sur le local.

Les auteurs pensent qu'il s'agit ou bien d'un poids à tisser ou bien, peut être, d'un poids pour instrument destiné à perforer des potteries nécessitant d'une réparation avec fixation de crampons (processus utilisé sur des céramiques romaines).

III — CONSIDERAÇÕES

Este objecto é feito de quartzo, decorado com espirais, podendo admitir outras interpretações, mas não de modo para ser de utilidade de um aparelho de furo, pois não parece ser adequado.

Em todo o caso de consulta do Museu Nacional de Arqueologia Dr. Leite de Vasconcelos, sobre este objecto, referiu-se a objecto de «Cabeça dos Mouros», onde se encontram os «Castros de Moura», nos seus trabalhos, também em obras de comparação e na bibliografia que nacional que se encontra, em especial da biblioteca da Península Ibérica, também nelle encontramos de analogia.

Pela função, não se trata de um objecto de uso doméstico, mas de um objecto de uso histórico. Os espirais encontrados são muito semelhantes aos encontrados nos Castros de Moura (1). Além disso, nas abas dos capacetes vaticos, encontramos a decoração de espirais de Aljezur, no Algarve, que se encontra no Castelo de Lagos (2).

Pelas descobertas em Castros de Moura, na região epitélica, nada nos dá a possibilidade de o objecto de «Cabeça dos Mouros» ser de época romana, pois as características objectivas que se vivem nasceram em Castros de Moura (3).

(1) R. de Castro, «Castros de Moura», Lisboa, 1911, p. 100, fig. 100.

(2) J. Formigosa, O. da Veiga Ferreira e A. Soares, «Capacete de Moura», região de Lagos (Algarve), III Congresso Lusitano de Arqueologia, Lisboa, 1951.

(3) J. Formigosa, O. da Veiga Ferreira e A. Soares, «Castros de Moura», região de Moura, Lisboa, 1951.

— A. A. Soares Costa, «Castros de Moura», III Congresso Lusitano de Arqueologia, Lisboa, 1951.